

P. BREUGHEL, A PROPÓSITO DE MANUEL BANDEIRA

LOURIVAL HOLANDA

(Universidade de Manaus)

A oportunidade de escrever sobre Bandeira vem se juntar à resistência natural de quem é pouco afeito às falas de homenagem, aos escritos circunstanciais. Como, sendo o poeta uma voz permanente, reduzir a celebração a uma data? Vivo, o poeta precisa do carinho e o cuidado de uma caixa de força; morto, merece um luto colorido. Manuel Bandeira, porque "encantou-se" não nos encanta menos. Bibliómanos, que nos livros se defendem e avaliam as agressões do mundo moderno, festejamos poeta e poesia, sempre: como um presente absoluto. No verso, em ato de resistência contra a morte "senso latu" — e sobremaneira, a rotineira, que ameaça submergir tudo.

Menos vão que pretender uma análise semiológica que rediga os valores de Bandeira talvez seja dar expressão à razão porque o amamos. Ambas, empresas óbvias.

Por que o lirismo de Bandeira perdura, atual? Por que sua voz é ainda a nossa? Talvez porque sua poesia se resolve em duas querências: a do resgate da vida comum, cotidiana; e a da convocação à resistência que a impensoalidade do mundo hoje nos exige. A poesia de Bandeira "resgata" os objetos que a pressa não nos permite perceber — e, aos temas "nobres" parnasianos, prefere os anôdinos: um pierrot triste, uma estatuetta de gesso, a maçã. Essa recuperação do que está aí, mas sem estar, porque incompreendido, talvez melhor se diga no "Poema

tirado de uma notícia de jornal", onde João Gostoso só existe socialmente quando já não existe mais.

O lirismo de Bandeira, longe de ser descompromissado, deseja estar na vida, e de fato está diretamente ligado ao seu tempo. Sempre ensaia salvar e promover a interioridade numa época em que o indivíduo sofre a euforia entusiasta das promessas do progresso coletivo. Tempo de dispersão, portanto. A palavra parnasiana, "bem-comportada", de circulação restrita, beletrista, Bandeira prefere a palavra particular, lírica, livre até de escolas — como soube ser Verlaine. E troca, essa poesia, pela sua singeleza (que alguns logo incomprendem e imitam mal, tomando por "simples" seu artifício, sua elaboração). Singeleza e surpresa que sempre aprazem: como a declaração tonta de amor, em "Namorados" (p.220) onde a definição é inesperada e exata: a lagarta listada, essa beleza natural e fantástica como o amor.

Bandeira desautomatiza assim a linguagem poética, dá fôro lírico ao verbo popular. E, como se sabe ser a linguagem o que tanto condiciona nossa percepção, alarga-se, em consequência, nossa visão. No sentido do "voyant" rimbaliano — a poesia como antídoto da rotina. Rotina que o homem se construiu e onde se aprisionou, numa relação falsa e estreita com a realidade. A vera poesia tenta abrir o risco esplêndido da vida — que reside no absurdo, na graça e na ironia do mundo.

Também surpreende em Bandeira a consciência de emancipação da língua brasileira. Cuidado compartido pelos Modernos de 22, Mário de Andrade à frente. Em conferência no Instituto de Estudos Brasileiros, de 28 de julho a 1º de agosto de 1986, o Professor Antonio Dimas chamava a atenção sobre esse ponto. Bandeira consciente da ditadura da "convenção", da norma que não permite nossa nuance, brasileira. E recusa, na "Poética" (p. 188), o "lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo", os padrões/patrões. O poema é um jogo (de cintura?) entre o sistema e o sintagma — é aqui que se inscreve o lado lúdico da linguagem: a escritura de Bandeira, o "langage éveillant" que nos mantém atentos, em guarda, abertos aos possíveis permitidos pela e na linguagem.

Bandeira se situa em relação (e numa relação contrária) aos epígonos do parnasianismo: não se trata mais de apresentar, sob forma agradável, enfática ou graciosa, o que vemos habitualmente, mas — é aqui o essencial da questão — de descobrir o que nosso olhar, que a rotina fez míope, não enxerga.

É ainda a questão da relação linguagem e sociedade. Adorno, em "Lírica e Sociedade", aborda o tema: a poesia da vida imediata, que se serve do sujeito para melhor desvendar os mecanismos da mesmice social — porquanto a poesia não é só o discurso de nossas ausências (sonhos e esperanças), mas é também a celebração do mundo presente, das nossas minudências. "Quero a delícia de poder sentir as coisas mais simples".

A questão — inevitável — da historicidade deixa ver, clara, a posição do poeta entre a participação e a independência. De uma geração acuada a dizer sua palavra social, Bandeira não se omite. Nem tampouco permite arroubo que falseie sua consciência artística. Sua poesia, enquanto reflete a realidade, incita, assim, o leitor que reflete sobre a realidade. Mas, sem a retórica política. O problema de toda militância: se a teoria, quando clara e coerente, fascina intelectualmente, cedo se impõe a questão da linguagem: o militante dispõe de um verbo doutrinal, que sempre toca a estereotipia — que atenta contra a criação artística. Questão delicada, a que aqui se põe ao escritor crente. "Pasárgada" não é fuga senão no sentido musical de duas vozes que se alternam. Como bem via o outro Holanda, Sérgio Buarque, em Pasárgada "a própria vida cotidiana e corrente é idealizada de longe" (p. XXIV, da Introdução). Denegação do presente que é uma exigência, já, de que ele seja outro. A poesia, de modo geral, sempre se inscreveu nessa margem dos possíveis, na imprevisibilidade, até, da História — onde se insinua a esperança.

Peculiar, na poesia bandeiriana, é também o tom sereno, de secreta ironia, até quando a ternura o atordoa. Mesmo a fatalidade da doença, nunca o fez comprazer-se no desespero, romântizando seu mal. Não: Bandeira exaure maior liberdade do fado aceito, assumido — como quem, indo ao fundo da desilusão, dele volta mais livre, mais lúcido, mais próximo dos ou-

tros e de si.

Há sempre uma parte de nós, ignota, que a dor ilumina. Tendo tido cedo a presença da morte a rondá-lo, sua alegria sempre sabe a amargura; sua felicidade, sempre pontilhada de deceção. Bandeira, se por um lado refuta a literatura satisfeita de si, parnasiana, por outro, não cede ao "ressentimento", ao travor amargo dos que se recusam à comunhão.

Penso na *Queda de Icaro*, de P. Breughel: rica de detalhes, a tela expõe elementos que parecem alheios ao tema: um lavrador, supremamente indiferente, prossegue sua labuta; um pastor continua a guardar seus rebanhos. E, num lugar bem discreto que é preciso um esforço para identificá-las, duas pernas se agitam, à direita, no mar. Um pouco de espuma, e do corpo, na queda, as pernas apenas, se deixam ver. A vida — em todas as suas contradições, desde a alegria mais rabelaisiana, até as tragédias a que só resta "cantar um tango argentino". A poesia de Bandeira tudo abarca e chama, discreta, a atenção para o trágico particular, lançando luz sobre nossas evidências escondidas; — expondo as nuances do rosto multiforme do mundo.

Festejemos o poeta, agora e sempre — pelo que sua poesia permite, na rede de laços que tece, antepor à nossa fragilidade e angústia, a resistência da palavra poética: a "solidão solidária". Por isso, e mais, Bandeira é permanente.